

# O SANTO

PERIODICO DEDICADO

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Subscreve-se á 1\$000 por mez. — Pagamento adiantado.



A JUSTIÇA E A LEI SUPREMA DOS POVOS.

# OFFICIO.

Á CAUSA PUBLICA.

REDACÇÃO PROPRIA EXCLUSIVA.

Escritorio e Officina Typographica á travessa do Principe.



682  
1951

## TRIBUNAL DO «SANTO OFFICIO»

«MISERICORDIA ET JUSTITIA»

### EXPEDIENTE

#### OFFICIOS.

Ao EXM. SR. DR. PRESIDENTE DA PROVINCIA. — Já se tendo decorrido alguns mezes, depois que v. exc. nomeou uma commissão de fazenda para verificar o pedido do celebre frei Pelino, e as contas do escandaloso fornecimento de *quatorze contos de réis em brindes* para os indios do aldeamento do Bacabal, sem que até hoje essa commissão ache ser tempo bastante para dar contas do resultado de seus trabalhos, que parecem ser feitos em segredo.

Este Santo Tribunal ordena á v. exc., que faça expedir ordens terminantes á referida commissão para se dar pressa em cumprir o cargo que lhe foi commetido.

—Ao MESMO.—V. exc. não ignora que quem paga impostos tem o direito de perguntar ao governo: — o que faz, e de que modo emprega os dinheiros publicos.

Ora, sendo incontestavel esse direito de fiscalisação, exercido com mais isenção e interesse pela imprensa, que pelo corpo legislativo, pois na maioria das vezes, senão de ordinario, não tem a precisa independencia nem civismo para tomar severas contas ao executivo; cumpre á imprensa, que não transige em nenhum caso com a consciencia do seu dever, exercer esse direito.

Assim, pois, este Santo Tribunal, avocando á si o interesse pela causa publica, exige de v. exc. urgentes informações circumstanciadas acerca das razões que o induziram a sobrecarregar o thesouro publico provincial, com a despesa *inútil de trezentos mil réis mensaes* de ordenado á um engenheiro, dispensado do serviço, por não havê-lo, no tempo em que v. exc. fazia da mais severa economia a sua norma de governo, e ha pouco chamado o mesmo engenheiro sem necessidade intuitiva.

Isto mesmo se evidencia claramente de uma carta do sr. engenheiro dr. Pinto Braga, dirigida á uma das redacções da imprensa diaria e ante-hontem publicada.

Declara o dr. Pinto Braga, que o engenheiro fóra chamado ao serviço para fiscalisar as obras do theatro

da Paz, cáes de Cameté e abertura da estrada de Bragança. Este pretexto não justifica a despeza que se está fazendo. As obras ou *remendos* do theatro não são taes que occupem a actividade de um engenheiro; o cáes de Cameté está sendo feito por arrematação, e uma ou outra vez allvae o engenheiro, mais em passeio que fiscalisar; emquanto que a abertura da estrada de Bragança está confiada á fiscalisação do sr. capitão Valentim, percebendo por isso uma gratificação dos cofres provinciaes. É claro que taes obras dispensam o engenheiro.

Para fiscalisar as obras publicas em andamento, bastava o dr. Pinto Braga, que aliás não está sobrecarregado de trabalhos que não possa distribuir a sua actividade, verificando as execuções das diversas obras.

Não entende assim v. exc., porque não é de seu bolso que sahe o dinheiro para pagar um engenheiro para estar de *perna alçada*, enchendo o tempo com pretexto de fiscalisações, que todos sabem como são feitas.

Sem embargo d'estas apreciações aguarda este Santo Tribunal as informações exigidas á v. exc., porque é possivel explique as razões de ter chamado ao *serviço* mais um engenheiro para receber 10\$000 por dia. Uma bagatella. . .

—Á CAMARA MUNICIPAL DE BELEM.—Ha cinco ou seis annos, Manoel Joaquim Maria Osorio obteve licença para levantar como levantou uma bauca, barraca, ou que melhor nome tenha, toda de madeira na frente da docca do Reducto. Depois de prompta, começou essa camara a *emburrar* com a casinhola e a *empecer* com Osorio para removê-la d'alli, porque tomava uma parte (dez palmos, si tanto) da vista da docca, para o lado occidental, por não ser *permittedo atravancar* ou *tirar a frente da docca*. Tanto fez essa camara que por fim conseguiu atirar a casinhola lá para um lado, onde ficou abandonada, perdendo Osorio tempo e dinheiro.

Dous ou tres annos depois d'este facto, foi concedido á Manuel Ktzingger de Saldanha levantar uma barraca ao lado da docca do Ver-o-peso, e quando a barraca já estava mais de metade construida, essa camara embargou e logo após fez desmanchar a barraca, porque *tirava a vista da docca*. Sempre a mesma tangente.

Correm os tempos, esquecidas as cousas, o presidente d'essa camara, ainda ha pouco, manda levantar na *frente da docca do Reducto* duas immensas barracas, onde estabeleceu seus talhos de carne verde!

O que foi prohibido á Osorio e á Saldanha, é permittido ao presidente d'essa camara.

Inspirando-se na *igualdade de direito*, Bezerra & Irmão requereram a necessaria licença para levantar uma barraca—na mesma *frente da docca do Reducto*, entre as duas barracas do presidente d'essa camara. Ao principio houve reluctancia, pedidos de desistencia da pretensão; porém Bezerra & Irmão insistiram por tal fórma, argumentando com o exemplo, esta logica de ferro, que essa camara não teve remedio senão render-se, entregar-se *á seringa*. . . E lá está feita a terceira casinhola, que serve de talho! . . . E assim foi *tirada toda a frente da docca!*

D'ora em diante, á vista de exemplos tão frisantes, os especuladores podem e têm igual direito de levantar casinholas em volta da docca do Ver-o-peso, porque hoje já não é *feito, nem ridiculo, nem vergonhoso aos olhos do estrangeiro, guarnecer ás frentes das doccas com casinholas de pio, que dão pessima idéa do progresso d'esta terra*, etc., etc.

Á vista dos factos e razões expostas, sem adduzir apreciações ou commentarios á que o assumpto largamente se presta, este Santo Tribunal exige d'essa camara, que o informe em que principios se basea para consentir hoje o que ha poucos annos prohibira por fórma terminante, ao ponto de empregar até o rigor para ser obedecida.

—Ao EXM. E REVDM. SR. BISPO DIOCESANO.—É de rigorosa justiça, hoje que v. exc., deixando de ser aquella *famosa sentinella que das ameias do baluarte da igreja catholica apostolica romana, vigiava a pureza da fé*, para envolver-se com os lobos que *assaltam o rebanho por todos os lados*, chegando v. exc. ao ponto de *fraternisar* com os *irmãos terriveis*, que nos *tenebrosos mysterios da seita tantas e frequentes vezes condemnada pela igreja, adoram uma monstruosidade a que chamam Grande Architecto do Universo*, convidando-os apezar d'isto para entrar no sagrado asylo das *Dorotheas, anjos candidos*; faça executar o breve de Pio IX, que manda suspender todos

os interdictos das irmandades e confrarias religiosas.

Mostrando-se v. exc. tão cioso da sua autoridade, estando de continuo a lembrar aos outros a obediencia que lhe devem; é de boa logica que v. exc. obedeça as ordens do pontifice, porque tambem é uma autoridade legitima, superior, chefe da igreja, e com mais força de razão deve v. exc. submeter-se para dar o exemplo á todo o rebanho.

E depois, os interdictos não têm mais razão de ser. Pretextados com *espírito de seita*, a qual v. exc. presentemente oscula, talvez como Judas osculou á Christo, já não podem ser sustentados á luz da razão. Desapparecida a causa motora, cessam para logo todos os seus effectos. Isto é claro, é logico.

Viver em boa harmonia, louvar publicamente pela imprensa os *maçons, e vel-os sob interdictos*, é feito *incongruente, inexplicavel, deshonesto mesmo*, desde que o movel d'essa harmonia é o calculo sordido de obter mais facilmente dinheiro.

Haja, portanto, de — ou romper inteiramente com o passado, ou por uma vez deixar o canço.

—Ao SR. FISCAL DO 2.º DISTRICTO.—Ao conhecimento d'este Santo Tribunal trazem os seus familiares o abuso já inveterado, de amontoar pilhas de madeira, lenha e tijolos sobre o cáes e ruas lateraes da docca do Reducto, em flagrante opposição ás posturas municipaes, resultando d'ahi não só escandalosa infracção á ellas como prejuizo ao transito publico, visto que as aguas pluviaes não podem escoar e formam allí immensos atoleiros de lama.

No entanto v. é visto frequentemente pelo Reducto sem que tenha tomado providencia alguma, afim de fazer retirar aquellas madeiras e tijolos e impôr a multa aos contraventores, que não peccam por ignorancia de que infringem a lei.

Portanto, este Santo Tribunal ordena a v. que, sem perda de tempo, dirija-se ao referido local e cumpra o seu dever sem appellação nem agravo; ficando v. certo de que este Santo Tribunal expedio ordens aos seus familiares para verificarem a fórma porque as posturas são cumpridas á esse respeito.

Outro sim, haja de solicitar da camara para que mande botar algumas carradas de matação nas ruas lateraes, visto estarem intransitaveis.

Rua da Espinha, 61 (Chacara da Anestha)  
 41111 Redacção da "Illustração Brasileira"  
 Rio de Janeiro

## PARTE HUMORISTICA.

## TIPOS SOCIAES

## OS CURIOSOS.

(OFFERECIDO AO SR. DR. FRANÇA JUNIOR)

(Illustração Brasileira)

A raça dos massantes, classificada em categorias distinctas, conforme o genero de *amollação* que elles exercem contra a humanidade, suggerio-nos a idéa de proceder ao inventario, ordenação chronologica, ou como melhor nome tenha, dos curiosos, que, si em tudo se não parecem com aquelles, pelo menos têm com elles inumeros pontos de contacto.

Assim, si os primeiros produzem ao proximo um estado afflictivo, aproximando-se-lhe do physico, os segundos inflingem-lhe posição não menos incommoda pelo lado moral.

Em verdade, coisa haverá que mais nos moleste do que seja o estarmos constantemente, e sem que o saibamos, espionados por um olho indiscreto e bisbilhoteiro, o qual observa todos os nossos passos, estuda os nossos menores movimentos, escuta quanto fallamos, e, o que é mais, commenta, adubando com maliciosas interpretações, tudo quanto nos diz respeito ?!

Creio que não...

Os curiosos são, portanto, uma raça tão endiabrada como a dos massantes, e tão arrolados como estes; pois, á semelhança do mosquito pernicioso, que nos morde, e incommoda cantando com sua voz de tigre... que digo eu?... de ultra, de archi, de hypertiple, umas arias inoportunas, sem que nunca o possamos agarrar, ou logremos enxotá-lo, murmuram de nós, de nossa vida publica e privada, e não alcançamos jamais pilhal-os á mão, para de um aperto esmagal-os entre os dedos.

Os curiosos, porém, dividem-se em especies diversas.

Procuremos distinguil-os.

1ª especie, e a mais temível: Os visinhos.

Estamos dentro de casa, tranquilos e contentes, suppondo que alli, pelo menos, no interior do nosso lar, nenhum olhar indiscreto sorprehende o que fazemos.

Engano!

Olhemos para defronte de casa, firmemos bem a vista, e lá veremos na casa do visinho, na janella do meio, á porta da alcova, ou no buraco da agua furtada o olho brilhante do curioso, a espreitar-nos.

O raiva! Disfarçamos, fechamos a nossa janella, e depois de apostrophar entre dentes a indiscreção do impertinente observador, sentamo-nos confortavelmente na poltrona e dispomo-nos a ler.

Batem á porta.

—Quem é? pergunta um dos nossos criados.

—Sou eu.

—Eu quem?

—Um seu criado.

Esta formula de responder-se *sou eu, um seu criado*, é geralmente accéita e empregada, e no entanto (seja dito de passagem) nada ha mais estúpido e inconsequente.

Não seria melhor que o dono da casa nada perguntasse, bem que nada respondesse o visitante?

Assim, ao menos, ambos poupariam o mutuo gasto de palavras. *Sou eu*, obriga a pergunta — *Eu quem? Um seu criado*, nenhuma luz derrama na questão, que permanece sempre indecifrável enigma.

Mas, como diziamos; o visitante responderá:

—Um seu criado.

Nosso famulo vai á porta, e como tem ordem de negar-nos a quem quer seja, responde mui naturalmente:

—Procura a meu amo? Elle não está em casa.

—Então sahio?

—Parece...

—Mas disseram-me que elle estava.

—Quem?

—O visinho defronte...

O criado embasbaca, ou fica perturbado, gagueja, ou guarda criminoso silencio e enquanto isso, nós, que ouvimos todo o dialogo, sentimos calafrio mortal, e erguendo-nos cheios de raiva, gritamos de máo humor para o criado que nos vem comunicar o occorrido:

—Estúpido!...

O criado vai a aventurar desculpa, porém logo atalhamos:

—Já agora, manda entrar esse senhor.

Eis ali o resultado do olho curioso que nos espreitou do visinho do sobrado.

Agora outro genero d'espionagem.

Quando sabimos, si attentarmos para as janellas da vizinhança, descobriremos o olhar bisbilhoteiro que nos vigia pelas fendas da rotula ou da veneziana.

Esta é a espionagem do vulgacho; de ordinario o olho pertence a uma velha muito caseira, ou então que só sahe á rua para ir ás matinas, na igreja proxima.

O resto do dia, passa-o ella a esmerilhar a vida alheia, colhendo com os olhos o que se passa na rua e casas fronteiras, enquanto com os dedos desfia as contas de enorme roزاری, que sustenta nas descarnadas mãos.

Curiosidade de velha devota... ah! não ha coisa mais temível!

O amigo que nos entra em casa, e se demora a conversar conosco; uma visita qualquer que recebamos das pessoas, com quem nos relacionamos; tudo a indiscreta vizinha observa, toma nota, esmerilha, esquadrilla, pergunta, conjectura e commenta como lhe apraz, e a maior parte das vezes, de modo a prejudicar-nos a reputação.

Tal é a primeira especie da maliciosa raça dos curiosos, que sabem

mais da nossa vida do que nós proprios.

E' por isso que o povo, em sua alta sabedoria, diz:

—O dono da casa é o ultimo a saber do que dentro d'ella se passa.

E é verdade...

2ª especie: Os barbeiros.

Entra a gente em casa de qualquer barbeiro.

Apenas senta-se na cadeira de barbear, vem o loquaz Figaro, com o amplo camião de morim, e nól-o enfia pelo corpo.

Prepara o sabão, e besunta-nos a cara com espuma.

Afia depois as navalhas, e, começando a sua tarefa, desprende uma enfiada de interrogações sobre diversos assumptos, no intuito de conhecer-nos.

—Que calór tem feito!

—E' verdade.

—O sr. é da corte?

—Sim, senhor.

—Parece-me que o conheço de vista...

—E' possível.

—Creio tel-o visto no Juizo do Commercio. V. s. é advogado, não?

—Não, sr. Sou medico.

—Ah! E' uma bonita posição. E' coisa que rende muito. Em poucos annos faz-se uma fortuna.

—O sr. acha isso?

—Pois não. Olhe: vem aqui o dr. F., o dr. X., o dr. N., todos, nossos freguezes, que enriqueceram pela clinica.

Etc., etc., etc.

N'este andar vai o barbeiro interrogando-nos, até que põe-se geitosamente ao facto de quem somos, do que fazemos, do que vivemos, si temos familia, finalmente: fica inteiradissimo de quanto nos concerne, e enriquece o seu repertorio, almanack ou coisa que o valha, com mais o nosso nome e a nossa pessoa, podendo qualquer pedir e colher informações a nosso respeito.

Feito o que, tem-se acabado a *barbação*, o industrioso abelhudo põe-nos a boneca de pó de arroz no rosto, oleo no cabello, e depois de pentear-nos com um pente de marfim branco, já um tanto preto, escovamos, recebe o importe do seu trabalho e acompanha-nos até a porta da rua, instando para que compremos oleo Oriza, agua vegetal, sabonetes, perfumarias, etc., etc., etc.

E' em casa dos barbeiros que se conversa sobre a vida alheia, e onde se pôde saber de tudo, como si fóra em uma gazeta viva.

3ª especie: Os boticarios.

E' nas boticas, em via de regra, que se grupam certos velhos, os quaes, não tendo mais gosto para procurar os prazeres que divertem os moços, occupam-se de ordinario em fallar mal do proximo, enquanto sorvem a pitada ou movem a tabula do gamão, seu jogo predilecto, quando não é a bisca lambida.

Ah, vão as nossas receitas, e discente-se a molestia, os meios de vida, o estado de economia, todos os par-

ticulares enfim da nossa casa; e é raro, rarissimo, escaparmos da malignidade dos velhos tabaquistas, que em tudo mettem o bedelho, commentando tudo com apimentadas informações e graçolas.

E' mais venenosa a lingua d'esses curiosos, do que mesmo o vidro de acido-prussico poisado nas prateleiras da botica.

4ª especie: Os reporters.

Encarregados de colher noticias para as gazetas, os reporters correm as ruas em todas as direcções, e mettem o nariz em tudo.

Ai d'aquelle que lhes cahe nas garras!

E' virado do direito para o avêso, e, depois de minuciosamente analysado, exposto á curiosidade de todos com qualidades que lhe não pertencem e que n'elle descobre, ou lhe empresta, a curiosidade dos reporters.

Ha um ajuntamento na rua; o reporter agarra o primeiro transeunte, e despeja-lhe uma quantidade de perguntas:

—O que é isto?

—E' facada?

—Barulho?

—Ataque?

—Desastre?

E vai furando a multidão compacta, a todos questionando, empurrando a todos, até chegar ao centro, onde encontra a causa do ajuntamento.

O reporter abusa da conversação mais intima e desprezenciosa, e lesto como o vento, direito como o fuso, vai levar ao organ da publicidade quanto colheu de nós, dando-nos indiscretamente a auctoridade da noticia, e por tal arte, prejudicando-nos ás mais das vezes.

Deus livre ao leitor de ser atraçado por um reporter.

5ª especie: Os passageiros de bonds.

Pertencem a esta especie alguns passageiros de bond que, sentando-se a nosso lado, ou nos bancos immediatos ao que occupamos, não nos deixam nem conversar com um amigo, nem ler papel algum, sem que ou prestem ouvido attento á conversação, ou sigam com os olhos todos os nossos movimentos e procurem com elles lobrigar o que lemos.

Entre estes curiosos, alguns ha, que são escandalosamente indiscretos; outros, porém, que procuram disfarçar, quando por acaso olhamos para elles e os sorprehendemos a bisbilhotar.

De ordinario, estes ultimos ou abrem a bocca, fingindo bocejar; ou dirigem rapidamente o olhar para ponto diverso; ou coçam o nariz; ou, finalmente, olham-nos de soslaio apparentando indifferença, que mais denuncia a sua criminoso indiscreção.

Estes curiosos são os piores freguezes das empresas jornalisticas e dos editores de opusculos de *occasião*, porque não se animam a gastar um centil em jornaes e pamphletos,

contando lêrem-os conjunctamente com o primeiro que os compre.

6ª especie: Os abelhudos de theatro.

Pertencem a esta especie certos individuos que occupando nas filas de cadeiras, ou nos camarotes, logar proximo ao em que nos achamos com familia, ou pessoa de nossa amisade, não perdem palavra da conversação que travamos, nem *patavina* das observações que fazemos.

Si, por exemplo, dizemos á quem eomnosco está?

—Olhe, lá está Fulano, no camarote n.º 15.

(Olham logo para o camarote n.º 15.)

—Aquella senhora que está com elle, é a mulher, não é?

(Olham de novo, para vêr de que senhora fallamos.)

Si, *verbi gratia*, discutimos qual-quer assumpto, seja sobre o libretto ou desempenho da peça que se representa; seja sobre objecto de negocio que nos concerne; ou sobre politica, ou sobre litteratura; ou sobre algum episodio sério ou engraçado, têm esses abelhudos o des-earo de voltar-se para o nosso lado, como si lhes assistisse o direito de intervir no dialogo, ou debruçam-se sobre o encosto do banco onde nos sentamos, e seguem com delicia, rindo, quando é caso d'isso; admirando-se, quando *calha*; tomando em fim parte activissima em toda a *prosa* qual si fossem chamados a ella, ou si algum acto nosso os auctorisasse a tanto.

Esses abelhudos nos irritam os nervos e provocam vontade de: ou passar-lhes solemne *descompostura*; ou dar-lhes um *peteleco*.

Longo seria continuar a classificação de todos os curiosos; por isso terminaremos este rapido e incompleto estudo, não deixando de mencionar:

As creanças e as mulheres, cuja curiosidade lhes sendo inherente ao sexo, é, ás vezes prejudicial; outras, inoffensiva.

Os taverneiros, que darão assumpto para um estudo especial, e cujo olhar preserutador devassa os mais intimos refolhos do lar domestico.

Os homens de açougue, que tudo colhem dos nossos famulos.

Os ambulantes nocturnos, que encostam o ouvido á nossa janella, para escutarem quanto se falla no interior de nossa casa.

Os *typos* que usam oculos azues, para melhor occultarem a direcção dos olhos, e bem assim a intenção que os governa, e no olhar se denuncia.

Os sujeitos que, conversando em um grupo afastado do em que nos achamos, deixam de attender ao seu interlocutor para *bisparem*, até pelo movimento dos nossos labios, o que conversamos.

Os curiosos que, quando andamos pela rua a conversar com alguém, seguem pertinazmente os nossos pas-

sos, no intuito de acompanhar o nosso dialogo.

Os que, incumbindo-se de trazer-nos alguma carta ou papel, apal-pan-o, viram-o, reviram-o, sacodem-o, para descobrir-lhe o conteúdo.

Os que, apparentando vivo interesse por nós, esquadrilham, perguntam, indagam de quanto nos concerne, com o unico fito de pôr-se ao par de toda a nossa vida, para depois diffamar-nos.

Á estes chama o vulgo: — *leva e traz*.

Os que, encostando-se a uma es-quina, ou fazendo plantão no Cas-tellões, Deroche, Raunier, Albernaz & Fronteiro, e outras casas da rua do Ouvidor, bem como nas de outras ruas, indagam de todos a todos que passam:

—Quem é aquelle sujeito?

—O que faz?

—Tem fortuna?

—É casado?

—A mulher é bonita?

Etc., etc., etc.

Longo vai este desalinbado esbo-ço, que ultimaremos, para não in-correr na pecha dos que fazem o assumpto aqui tratado.

Para ponto final:

Só ha um sujeito peor que o cu-rioso indiscreto... é... é o indis-creto curioso...

Dito isto... com licença dos que estão curiosos por saber quem es-creveu isto, assigno-me:

A. CARDOSO DE MENEZES.

## GAZETILHA.

**Com que então, vae-se a draga?!**—Contrahio a nossa provincia uma immensa divida de gratidão com o sr. tenente Mancebo. Graças aos seus esforços, vamo-nos allim vêr livres daquelle grandissimo *canulo*, visto como o ministerio da agricultura ficou com elle para a provincia do Maranhão. E é um presente *de annos* digno do governo.

Aquella *draga*, *barca*, ou *cabeção* de ferro, foi um *peso* que a provin-cia aguentou, e ella com a mesma barca, sentou outro *peso* nos srs. Etchegoen & Fox, que ainda até hoje estão *a vêr por um oculo* uns 15 contos de réis de concertos.

Parece que andou ali uns resqui-cios de vingança: o sr. Fox, como engenheiro-constructor, fez parte da commissão nomeada pela presiden-cia para examinar e dar parecer a respeito da tal barca; e o seu parecer foi favoravel. Depois que a provin-cia ficou com ella, foi que conheceu a qualidade da *espiga*.

A tal barca de escavação só tem escavado o thesouro: o melhor de duzentos contos de réis foram *atira-dos ao mar*. Agora vai ser concertada para entregal-a á Maranhão. Vá mais esse *cobre*... é *despeza de defunto*.

Mas tomem cuidado em conduzir

a barca: levem-n'a com certa cau-tella muito além da barra. Não acon-teça, por descuido, ir ao fundo e prejudicar o canal.

**Encheu a sacola.**—O sr. D. Antonio, que fóra á Igarapé-mirybenzer a capella do engenho do te-nente-coronel Machado, fez por lá uma infinidade de casamentos e de chrismas, de sorte que encheu bem a sua sacola e regressou todo jubiloso. Não admira. O dinheiro dá ale-gria e... formosura.

A colheita foi destinada ao asylo das *Dorotheas*. O que é que o ho-mem não faz por causa de mulher?

Ora as *Dorotheas*, por serem an-gelicas filhas de S. Vicente ou de S. José, não deixam de ser mulheres; e bem faz o bispo em lhes propor-cionar todos os commodos.

Porventura condemna-se a natu-reza por ter conservado oasis no meio dos abrazadores desertos da Africa e da Asia? Porque censurar o bispo? Deixemol-o. Enquanto elle se entusiasma pelas *Dorotheas*, os maçons vivem tranquillos. Por di-nheiro faz-se a guerra, com dinheiro compra-se a paz. E... viva amor!

**Ainda mais?**—Ultimamente recebeu o sr. D. Antonio de Macedo Costa, pelo vapor inglez, um amar-rado com camas, encomendadas para a Europa.

Seriam essas camas ainda para as angelicas *inglesinhas*?...

**Mais dous mil contos.**—Declarou o governo imperial que o credito de dous mil contos de réis, votado pelo corpo legislativo para socorrer as provincias do norte, já se esgotou! Para o mesmo fim abriu um outro credito suplementar de igual somma.

O dinheiro a escoar-se por mil canaes e o povo a morrer de fome!

**Mutação de scena.**—Pelo ultimo vapor do sul, chegou-nos a noticia de que o Imperador, abor-recido de ver o Gabinete *viver* agar-rado ao thesouro, entendeu que bem faria, mandando o Gabinete *philosophar* para o meio da rua.

Mude o Imperador de ministros como muda de camisas, que não ha de o paiz melhorar com isso. Mu-dam-se as scenas e os actores; ha foguetes e luminarias, musicas e banquetes, artigos de fundo e felicitações, chovem deitassões e nomeações, os *ladinos* viram a casaca, os *prulentos* mettem-se nas *encolhas*, surgem legiões de pedintes e des-peitados; mas a *peça* é a mesma, embora mude-se-lhe o titulo.

Venha lá quem vier, o paiz não deixará o seu systematico andar de caranguejo. Acostumaram-n'o assim.

**Enquanto venta...**—Dizem-nos que o sr. Capristano vai para uma festa, ali no interior.

Se não tem o que fazer...

E depois, é um agente de gazeta.

### Quem te vio, quem te vê?

—O *Guedelhas* que estafava-se em escrever *cobras e lagartos* da maço-naria, como *receptaculo do impio*, *inimigos da religião e traidores a monarchia*, e dos maçons, em sua maioria, estrangeiros, que *intervi-nham nos nossos negocios*, chegando ao ponto de *dirigirem representações ao governo imperial contra os bispos brasileiros*, anda hoje fazendo *fos-quinhas e barretadas* aos maçons, elogiando-os na *Boa Noiva* e até vae acompanhá-los ao cemiterio!

O povo que, ainda ha pouco, lem-brava-se de 1835, já se teria esquecido, reverendo?

Hoje já não terá mais razão de ser aquella sua famosa ameaça — *vis, vi, repeititur*?...

Haveis de confessar que não foi sem causa que Christo procurou a pescadores; Elle lá o sabia porque lhes deu preferencia.

**Como está atrevido!**—O sr. Rego Barros, que todos nós aqui conhecemos na inspectoría da alfandega como chefe inepto, lá está na da Bahia continuando a sua carreira de desatinos, mais correcta e augmentada, depois que o governo *pas-sou-lhe a mão pela cabeça*.

Referem os collegas da imprensa da Bahia, que o tal sr. Rego Barros assumio n'aquella alfandega attitude belligerante e selvagem, suspendendo empregados, molestando a des-pachantes, maltratando a contribu-in-tes, e não contente com praticar esta serie de attentados e disparates em que elle é *jubilado*, declarou em um documento publico, que agora ha de se tornar o *Attila* do commercio bahiano, que qualifica de *cafila de ladrões* em face de negociantes que são forçados a ir á alfandega.

Porém a Associação Commercial não esteve pelos *autos*, repellio a affronta estúpida feita aos brios de sua classe, e representou ao governo imperial contra o façanhudo inspec-tor da alfandega.

Já havíamos previsto que o sr. Rego Barros não mudaria de costum-es, mudando de terra. E' sempre o mesmo! Terá ainda o habito de encontrar a quem o procura em sua casa, de ceroula e sem camisa?

**Bibliotheca Independencia.**—Recebemos uma carta authographa do illustre director desta bibliotheca, creada em Janeiro do anno passado na villa de Itaqui, na provincia de S. Pedro do Rio Gran-de do Sul, pediu lo-nos, e o fazemos á todos os collegas, a remessa de seus jornaes como um favor áquella bibliotheca, enquanto não pôde pagar a assignatura, obrigando-se a bibliotheca a toda e qualquer despeza relativa a portes.

Se ha instituição que mereça todo auxilio da imprensa, é a bibliotheca, onde o povo vae procurar no livro a luz que lhe illumne o espirito; onde se saber pela leitura dos jornaes o estado dos negocios publicos, como

são geridos, o que se faz e o que se pretende fazer; ao mesmo tempo que fica ao corrente dos progressos dos outros povos.

Ora, o povo de Itaquí que, por seus esforços, funda uma bibliotheca, é um povo que quer lêr; e todos nós devemos auxiliá-lo em tão louvável empenho, tanto mais quando passa por ser um aphorismo o dizer-se — *no Brazil não se lê.*

Felicitando o povo Itaquienze por possuir a sua bibliotheca, agradecemos ao seu illustre director sr. dr. Pedro Monteiro de Miranda, a honra e convite que nos fez, ao qual da melhor vontade accedemos, prometendo enviar o nosso periodico.

**Illustração Brasileira.** — Recebemos o n.º 36.

O texto contém, como sempre, notaveis e muito variados escriptos originaes e traduzidos. D'este numero transcrevemos em outro lugar um artigo humoristico do dr. Cardoso de Menezes, para o qual chamamos a attenção dos leitores.

As paginas illustradas contém as seguintes gravuras:

*O cynifero — velocipede movido por cães (collocados dentro das rodas duplas, e andando pela frente, imprimem o impulso motor).*

*O leão, uma familia, na jaula.*

*O leão em liberdade.*

*A sala da grande Opera de Paris, vista da scena.*

*O chafariz na avenida do Observatorio, em Paris.*

*O primeiro passo.*

*Nossa Senhora, o Menino Deus e S. João Baptista.*

*Agradecemos a valiosa offerta.*

**LITTERATURA.**

**A locomotiva.**

... o trem de ferro  
Acorda o tigre no serro  
Espanta os caboclos nus.

C. Alves.

Para traz, ó serranias!  
Deixae voar o vapor!  
Emmudecei ventanias  
do vosso grito o furor!  
A juba o leão agita,  
cava abyssos, precipita  
obstac'los que encontrou!  
vêde o seu sulco profundo...  
sobre os hombros traz o mundo...  
o progresso inaugurou!

É meteoro no espaço  
errando tiras de luz;  
para o seu correr escasso  
o ether, plainos azues!  
Gigante que solta um grito  
e montanhas de granito  
zompe, altivo, colossal;  
e raios, é tempestade,  
da immensa velocidade  
na força descommunal!

Promethen no terreo espaço,  
obs pelos mede a extensão

e n'um apertado abraço  
cinge cada região!...  
grande, immenso aerolitho  
desprendido do infinito  
ao sopro augusto de Deus,  
encarrilhado, potente,  
vencendo distancia ingente!...  
aguia no vacuo dos céus!

Deixae-o! é astro que passa  
que destumbra a fulgurar!  
Corsel, não corre, esvoaça  
sobre a terra, sobre o mar!  
Estremeceem as florestas  
e, com as valvulas abertas  
no estridor do seu correr,  
bradar parece ao futuro:  
— tu não tens um ponto escuro!  
sei teus arcanos vencer!

E grita á posteridade:  
— sou o fabuloso Antheu;  
sou a immortalidade  
da idéa! o mundo é meu!  
Ao presente exclama altivo:  
— sou o fulgor redivivo,  
da tua gloria o laurel;  
de um templo de diamante  
sou a grimpa rutilante,  
magestoso capitel!

E sobre os trilhos voando  
com atoador motim  
é um prodigio, levando  
prodigios, luzes sem fim!  
Os indios-tremem na selva;  
da viçosa e brava relva  
prostram-se ao chão em pavor,  
e das tabas despertados  
soltam de angustia altos brados  
do mais profundo terror!

Recuae, ó serranias!  
deixae passar o vapor!  
Emmudecei ventanias  
do vosso grito o furor!  
A juba o leão agita,  
cava abyssos, precipita  
obstac'los que encontrou!  
vêde o seu sulco profundo...  
sobre os hombros traz o mundo,  
o progresso inaugurou!

MATHIAS J. S. CARVALHO.

Rio, — 1877.

**SECÇÃO GERAL.**

Sr. Redactor.—A despeito de ter o sr. Alvaro Pontes promettido no n.º 289 do *Diario do Gram-Pará* de 30 de Dezembro ultimo, não voltar á imprensa, parece que tomou melhor conselho, porque fez publicar na edição passada do *Santo Officio* um artigo, mais como lição de jurisprudencia, aliás já eu sabia isso mesmo, do que como esclarecimento ao causal da questão que discuto.

Nos meus artigos já entregues ao dominio publico, não tenho apreciado a competencia ou não competencia do juizo de direito da 1.ª vara civil para tomar conhecimento e decidir da questão; nem puz em duvida a attribuição da camara municipal no que é só de sua exclusiva competencia; porque não estou na

alléa, para *espichar-me* em sustentar absurdos.

Já vê, pois, o sr. Pontes, que perdeu infructuosamente o seu tempo e o seu latim, em afirmar o que não neguei e nem discuti.

Quanto ao sr. Pontes dizer que o meu primeiro protesto, publicado n'este periodico em 27 do passado, não só contém erros e inexactidões, como o ridiculo insultuoso, — não é exacto; quero suppôr erro de apreciação, falta de calma precisa ou muita prevenção da parte de s. s.

Não basta dizer: *ha erros e inexactidões*, para ser acreditado; é preciso apontal-os, demonstral-os por argumentos convincentes. Ora, o sr. Pontes não provou essas inexactidões, esses erros, como era para se suppôr e eu estimaria, visto nunca ser tarde para aprender.

Diz ainda o sr. Pontes que usei do *ridiculo insultuoso*. Outra affirmativa graciosa. Não emprégo essa linguagem, porque sustento causa séria. Uso de polidez que não exclue a energia da phrase. Não insulto, exponho a verdade, o meu direito; defendo-o com interesse, com todas as forças da consciencia da razão que me assiste. Não desci nem desço ao doesto, á injuria, unicos recursos dos que não têm razão. Eu não estou n'este caso; não aceito a mal cabida apreciação do sr. Pontes.

Diz o sr. Pontes ter requerido — providencias judiciais e competentemente executadas contra os tres perturbadores (???) — não passam de uma acção de manutenção, ou interdicto *uti possidetis* proposta contra mim.

Eu, perturbador?! Isto é chalaça de mão gosto, por força. Quando eu agitei questões com o sr. Pontes, no sentido de que se trata?... Não é s. s. que me apouquenta sempre, ha vinte e dous annos, suscita-me embaraços, pendencias e prejuizos? E sou perturbador!!!... Louvado seja Deus! invertem-se os termos e os papeis...

E' possivel, é crível, que eu tirasse-me de meus cuidados, perdesse o sizo, para ir fazer bemfeitorias, roçados e barracas em terrenos que fossem do sr. Pontes? Com que interesse faria eu isso?

Como é que sou perturbador?... Fui implicar alguma vez com o sr. Pontes? Não é s. s. que não me deixa tranquillo na posse do que é meu? Quem é, pois, o perturbador?

Fico, por emquanto, aqui, por que tenho mais em que cuidar. No proximo numero refutarei todas as mais asserções inexactas do artiguinho do sr. Pontes.

Pará, 11 de Janeiro de 1878.

Luiz José Borges.

**O LEÃO... sendeiro.**

Aqui estou dando-te de annos esta pitada.

Com que então, suppunhas que eu me tivesse esquecido de ti, assim tão facilmente como esquecestes a mulher e os filhos no Porto?!

Deves estar desenganado. Eu sou a tua sombra, o teu pesadello, o teu remorso e o teu castigo.

Seguir-te-hei sempre até que entres no inferno, onde já tens preparada uma boa cama de breu e enxofre. Pega-te com São Agostinho.

Quando estás sentado á porta, reclinado sobre o espaldar da cadeira entre pernas, com os olhos cerrados lá para defronte a *lambica* amores, pareces um jacaré chocando os ovos. Basbaque!

Diogenes.

**Abacté,**

28 DE DEZEMBRO DE 1877.

Amigos Redactores. — Saude e alegres dias.

Até que emfim a policia d'esta terra deu signal de vida!

Correu pela subdelegacia do districto os inqueritos sobre os ferimentos gravissimos feitos em Gaspar de tal, por um dos *celebres* filhos do famigerado Balthazar Cosme (pelo nome não perca), cujos inqueritos foram conclusos ao illm. sr. juiz municipal supplente deste districto, para seguir os tramites da lei.

Ora graças á Deos, que os executores da lei n'esta terra já comprehendem que não é só o rico que tem justiça.

Prova — não termos malhado em ferro frio...

Não posso deixar sem reparo a falta que sempre tem commettido a autoridade policial, em não comparecer na freguezia em tempos de festividade, onde se junta grande quantidade de gente; e além da autoridade commetter essa falta, nem ao menos nomeou um inspector de quartirão para garantir a ordem e o respeito! Em verdade é uma falta essa commettida em obediencia aos abusos pela autoridade, pelo que merece a mais severa censura.

Querem ser subdelegados? Querem arrogar á si quanto empregosinho apparece? E não se querem incommodar!... Outro officio, meus amigos!

Os *formigões de sachristia* estão se mechendo: querem levantar castellos de sebo n'um tempo de tanto calor como este, e logo que elles consigam e *relientem os meteoros*, eu lhes darei noticias; por emquanto elles estão minando, porém quando uns minam outrós gritam, damnados da vida, por falta de um osso para roer... Que fome!... E é de dinheiro, se me faz favor.

Está para realizar-se o que lhes disse em uma correspondencia minha, relativamente á esta terra; logo que isso aconteça eu cantarei um versinho de *Ribeiro da Cunha*, que diz assim:

Babylonia potente vio seus muros  
Derrubados, por terra! e só lhe resta,  
De tanto poderio e tanto fausto  
Os prantos do Propheta.

Adeos. Veritas.

Editor, Paulo F. X. P. de Barros.